Sentido de Competência Parental e Ajustamento Socioemocional em Idade Pré-Escolar:
Um Estudo com Pais de Crianças Portuguesas

Versão Final Após Defesa

Inês Filipa Gonçalves Vilhena

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Ana Isabel Silva Santos Barbosa Cunha
Co-orientadora: Prof. Doutora Sofia de Oliveira Major

dezembro de 2022

Declaração de Integridade

Eu, Inês Filipa Gonçalves Vilhena, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M10495 do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 18 de dezembro de 2022

Inês Vilhena

Agradecimentos

Aos meus pais, que fizeram, e fazem, todos os esforços para tornar os meus sonhos realidade, mesmo que isso implique colocar os seus em pausa.

Ao meu irmão e à minha cunhada, que são uma verdadeira fonte de apoio e suporte incondicional.

À minha afilhada e à minha sobrinha, que me ajudam a querer ser sempre melhor pessoa, por elas e para elas.

Ao Miguel, por me apoiar e incentivar a fazer mais e melhor, acreditando sempre que eu sou capaz, mesmo quando eu própria não acredito.

Ao meu Simba, por me trazer sempre a paz e o conforto que preciso, mesmo quando tudo à volta está caótico.

A toda a minha família, por me mostrarem o quão importante é ter uma rede de suporte sempre presente e a torcer por nós, mesmo a 300km de distância.

À Dani e à Inês Maio, por terem acompanhado esta caminhada desde o início, vivendo os bons e maus momentos comigo e, especialmente, por serem a minha casa longe de casa.

À Rita e à Inês Branco, por toda a paciência para me ouvirem, todo o apoio incondicional que me deram quando tudo parecia correr mal e toda a motivação que me fazia acreditar que ia conseguir.

À minha madrinha, Inês Batista, e à minha afilhada, Inês Henriques, por estarem sempre disponíveis para mim e por acreditarem nas minhas capacidades.

À Dani Dagz, por ser um grande ombro amigo e por me relembrar sempre que a vida são dois dias e que devemos aproveitar e ser felizes.

A todos os Jardins de Infância que aceitaram distribuir os protocolos e, em especial, aos pais das crianças que responderam ao questionário e contribuíram para a minha Dissertação!

E, por fim, mas com uma enorme importância, à Professora Ana Cunha e à Professora Sofia Major, por toda a orientação, paciência e disponibilidade que demonstraram ao longo do ano, sem as professoras, esta Dissertação não seria possível e, por essa razão, o meu grande Obrigada!

Resumo

O sentido de competência parental refere-se ao sentimento dos pais face ao seu desempenho da parentalidade, nomeadamente em termos de satisfação e eficácia. Vários estudos têm sugerido uma interligação entre a perceção de competência nos pais e a existência de problemas comportamentais (e.g., externalizados e internalizados) e de comportamentos pró-sociais (e.g., cooperação) nos filhos. Assim, este estudo pretende analisar a relação entre o sentido de competência parental e a perceção de problemas comportamentais e comportamentos pró-sociais de crianças em idade pré-escolar. O estudo envolveu 156 pais e mães de crianças entre os 3 e os 6 anos (M = 3,88; DP = 0,83), que preencheram as versões portuguesas da *Parenting Sense of Competence Scale* (PSOC) e do *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ-Por). Os resultados demonstram uma associação negativa e estatisticamente significativa entre a Satisfação e Eficácia (PSOC) e Sintomas Emocionais, Problemas de Comportamento, Hiperatividade, Problemas de Relacionamento com os Colegas e o Total das Dificuldades (SDQ-Por). Por outro lado, verificou-se uma associação positiva e estatisticamente significativa entre Satisfação e Eficácia parental e Comportamentos Pró-Sociais (SDQ-Por) na criança. Verificou-se, ainda, que crianças do sexo feminino e com irmãos apresentam resultados mais elevados na subescala de Comportamentos Pró-Sociais e que mães com o ensino superior apresentam menores níveis de Satisfação quando comparadas com mães com escolaridade até ao ensino secundário. Os resultados são discutidos atendendo à relevância e às implicações do estudo.

Palavras-chave

Sentido de competência parental; PSOC; SDQ-Por; pré-escolar; problemas de comportamento; comportamento pró-social

Abstract

The parenting sense of competence refers to the parents' feelings regarding their parenting performance, in terms of satisfaction and effectiveness. Several studies have suggested a correlation between parents' perception of competence and the existence of behavioral problems (e.g., externalized and internalized) and prosocial behaviors (e.g., cooperation) in their children. This study aims to analyze the relationship between the parenting sense of competence and the perception of behavioral and prosocial problems in preschool-age children. The study involved 156 parents of children aged between 3 and 6 years (M = 3,88; SD = 0,83), who completed the Portuguese versions of the Parenting Sense of Competence Scale (PSOC) and the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-Por). The results demonstrate a negative and statistically significant association between Satisfaction and Efficacy (PSOC) and Emotional Symptoms, Behavior Problems, Hyperactivity, Peer Relationship Problems and Total Difficulties (SDQ-Por). On the other hand, there was a positive and statistically significant association between Parental Satisfaction and Efficacy and Prosocial Behaviors (SDQ-Por) in children. It was also found that girls and children with siblings present higher scores in the Pro-Social Behaviors subscale and that mothers with higher education present lower levels of Satisfaction when compared to mothers with schooling up to high school education. The results are discussed considering the relevance and implications of the study.

Keywords

Parenting Sense of Competence; PSOC; SDQ-Por; preschool; behavior problems; prosocial behavior

Índice

Introdução ..... **Erro! Marcador não definido.**
Método 7
Participantes 7
Procedimentos 9
Material 10
Análise de Dados 11
Resultados 12
Relação entre Sentido de Competência Parental, Problemas de Comportamento e Comportamento Pró-Social 12
Diferenças entre grupos 12
Discussão 17
Referências Bibliográficas 21
Anexos ..... **Erro! Marcador não definido.**

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização das Crianças 7
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da família 8
Tabela 3 - Correlações entre os resultados da PSOC e do SDQ-Por 12
Tabela 4 - Resultados para a comparação das médias: Sexo, idade da criança, ter irmãos e escolaridade materna nos resultados da PSOC 13
Tabela 5 - Resultados para a comparação das médias: Sexo, idade da criança, ter irmãos e escolaridade materna nos resultados do SDQ-Por 15

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
UAc	Universidade dos Açores
SDQ-Por	*Strengths and Difficulties Questionnaire* (Questionário de Forças e Dificuldades) – Versão portuguesa
PSOC	*Parenting Sense of Competence Scale* (Escala do Sentido de Competência Parental)

A presente dissertação integra o projeto "Preditores Psicossociais de Ajustamento Infantil e Familiar", desenvolvido na Universidade da Beira Interior (UBI) em colaboração com a Universidade dos Açores (UAc). Este projeto tem como objetivo estudar a relação entre diversas variáveis psicossociais e o comportamento e ajustamento infantil. Este estudo incidiu, especificamente, no sentido de competência parental e na sua relação com os problemas de comportamento e o comportamento pró-social, em crianças em idade pré-escolar.

A idade pré-escolar é um período fundamental no desenvolvimento da criança e a forma como os pais encaram a parentalidade vai contribuir bastante para a assimilação e desenvolvimento dos padrões comportamentais das crianças (Campbell, 1998). Desta forma, os pais devem procurar envolver-se na vida dos seus filhos, mantendo uma postura de interesse e curiosidade relativamente à perceção dos seus filhos, o que vai permitir que respondam, de forma mais adequada, às suas necessidades (Gordo et al., 2020). Neste sentido, é importante compreender de que forma a relação pais-filho pode afetar o sentido de competência parental, ou seja, a autoestima dos pais face ao seu desempenho do papel parental que, segundo Johnston e Mash (1989), é definido através de duas dimensões: a satisfação e a eficácia.

A comunicação explícita, por parte dos pais, e a compreensão da ação e das emoções, por parte da criança, contribui para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais (Svetlova et al., 2010), sendo estes descritos como comportamentos altruístas que pretendem beneficiar o outro (Eisenberg, 2015). Entre os 18 e os 30 meses, a propensão para estes comportamentos cresce, gradual e significativamente (Svetlova et al., 2010). É também por volta desta idade que se iniciam comportamentos mais desafiadores por parte da criança, no entanto, muitos destes comportamentos são transitórios (Campbell, 1998).

Em Portugal não existem muitos estudos focados na relação entre o ajustamento socioemocional de crianças em idade pré-escolar e o sentido de competência parental percebido pelos pais. Assim, e considerando a importância do estudo da relação entre estas duas variáveis, o presente estudo pretende representar um contributo nesta área. Parte deste trabalho foi apresentado em formato de poster científico, intitulado «Sentido de Competência Parental e Comportamento Socioemocional Infantil: Como se relacionam?", nas *1as Conferências Internacionais em Psicologia Clínica e da Saúde* da Universidade da Beira Interior, em junho de 2022.

A presente dissertação encontra-se organizada em formato de artigo científico, redigido de acordo com as normas da Revista "Psicologia, Saúde e Doenças". Assim, em formato de estudo empírico, este artigo científico está organizado nas seguintes

secções: introdução, método, resultados e discussão. Uma vez que o resumo já foi apresentado, optou-se por não repetir a sua exposição no artigo científico.

Sentido de Competência Parental e Ajustamento Socioemocional em Idade Pré-Escolar: Um Estudo com Pais de Crianças Portuguesas

O sentido de competência parental corresponde à qualidade do afeto na parentalidade e à satisfação resultante dessa mesma função. Deste modo, este construto está associado a duas dimensões cruciais, a satisfação e a eficácia (Johnston & Mash, 1989). A satisfação é considerada uma dimensão afetiva, que envolve a avaliação global das características qualitativas dos comportamentos parentais (Snell et al., 2005), ou seja, reflete o nível de frustração, ansiedade e motivação dos pais perante o papel parental (Johnston & Mash, 1989). Segundo Snell e colaboradores (2005), a satisfação parental está diretamente relacionada com os padrões claros de comportamento parental. Já a eficácia corresponde a uma dimensão mais instrumental, isto é, o quanto os pais se sentem competentes e capazes de resolver problemas associados à parentalidade, ou seja, avalia a autoeficácia dos pais no desempenho do seu papel parental (Johnston & Mash, 1989).

Segundo Stormshak e colaboradores (2000), é possível que a autoeficácia parental afete, indiretamente, as capacidades socioemocionais da criança, através das práticas e comportamentos parentais. Neste sentido, Jones e Prinz (2005) referem que pais com uma baixa autoeficácia parental podem duvidar ou sentir-se frustrados perante o seu desempenho, o que pode afetar a forma como os seus filhos encaram as suas próprias capacidades. Por outro lado, o sentido de competência parental pode ser considerado um fator de proteção face ao surgimento e desenvolvimento de perturbações psicológicas (Makhija et al., 2019). Assim, o sentido de competência parental pode contribuir, tanto para o desenvolvimento de problemas comportamentais como para a prevenção dos mesmos. Neste sentido, é importante estudar a relação do sentido de competência parental com as competências e dificuldades das crianças.

A literatura aponta para alguns fatores que podem influenciar a perceção de competência parental. Segundo Balean e Năstasă (2017), pais que adotam práticas parentais baseadas na confiança, na responsabilidade e no incentivo à autonomia têm um maior nível de competência parental. Bornstein e colaboradores (2009) sugerem que as mães têm uma perceção de maior sentido de competência parental quando trabalham menos horas por semana, o seu estatuto socioeconómico é mais elevado e

têm filhos com competências sociais satisfatórias. Segundo Ferreira e colaboradores (2014), as habilitações literárias dos pais também parecem influenciar o sentido de competência parental, uma vez que, pais com habilitações literárias mais elevadas demonstram-se mais satisfeitos com a parentalidade. Contudo, face à eficácia, mães com habilitações literárias mais elevadas parecem percecionar-se como menos eficazes. Assim, segundo Sharp e colaboradores (2006), é possível verificar que as capacidades sociocognitivas das mães vão afetar o desenvolvimento dessas mesmas competências nas crianças ao longo da sua infância. No que diz respeito à comparação entre pais e mães, no estudo de Ferreira e colaboradores (2014) foram encontradas diferenças significativas, em relação ao sentimento geral de eficácia parental, sendo que as mães se percecionam como mais competentes. Contudo, segundo os autores, esta autoperceção tende a diminuir ao longo do desenvolvimento das crianças, o que pode ser explicado pelo progressivo aumento da autonomia e a transferência destas competências para outras figuras significativas.

A infância e os anos pré-escolares são um período de desenvolvimento fundamental, no qual o estilo parental pode contribuir para o desenvolvimento pró-social, o autocontrolo e a internalização de padrões comportamentais. Nesta fase, as crianças precisam de limites firmes e expetativas claras, sendo que os pais devem conseguir equilibrar essas necessidades e, simultaneamente, proporcionar o suporte e afeto adequados (Campbell, 1998), sendo a inteligência emocional fundamental na relação pai-filho (Balean & Năstasă, 2017), uma vez que as dificuldades nesta relação, juntamente com fatores de risco psicossociais podem afetar negativamente o risco da criança desenvolver perturbações emocionais e comportamentais (Skovgaard et al., 2007).

A definição de problemas de comportamento é bastante complexa, uma vez que existem vários fatores inerentes (e.g., fatores culturais, sexo e idade da criança), que vão determinar se o comportamento é ou não ajustado (Campbell, 1998). Por exemplo, existem comportamentos considerados problemáticos que estão associados a um estádio de desenvolvimento específico, sendo transitórios, ou seja, o mesmo comportamento pode ser considerado problemático numa idade, mas noutra ser considerado um comportamento normativo. Os problemas de comportamento podem ainda estar associados a comportamentos de internalização, como a ansiedade, tristeza, timidez, entre outros, ou a comportamentos de externalização, como a hostilidade, a desobediência e até mesmo a agressão (Halle & Darling-Churchill, 2016). Segundo Basten (2016), crianças mais novas tendem a demonstrar mais comportamentos de externalização e, apenas por volta dos 6 anos, começam a demonstrar mais

comportamentos de internalização, sendo que estes acabam por se tornar, na maioria dos casos, mais prevalentes.

Os problemas de comportamento podem ainda estar associados a défices nas competências sociais, uma vez que, segundo um estudo de Bolsoni-Silva e Loureiro (2018), realizado com mães de crianças entre os 6 e os 11 anos, crianças com dificuldades na socialização tendem a apresentar mais problemas comportamentais. Neste seguimento, os resultados do estudo anterior demonstram também que os meninos apresentam mais problemas de comportamento do que as meninas. Também Costa e colaboradores (2020), num estudo realizado com pais de crianças entre os 6 e os 18 anos, demonstraram que os meninos tendem a ter mais comportamentos de externalização, enquanto as meninas tendem a ter mais comportamentos de internalização.

Por outro lado, os comportamentos pró-sociais são caracterizados por comportamentos espontâneos, em que o objetivo é beneficiar o outro (Eisenberg, 2015). Estes comportamentos surgem por volta dos 2 anos, idade em que se começam a desenvolver através da compreensão da ação e das comunicações explícitas, entendendo as emoções de terceiros (Svetlova et al., 2010). Apesar de existir uma predisposição hereditária para o surgimento de comportamentos pró-sociais, as práticas parentais são cruciais (Eisenberg, 2015). Neste sentido, de acordo com um estudo de Bolsoni-Silva e Loureiro (2018), realizado com crianças em idade pré-escolar (2-5 anos) e em idade escolar (6-11 anos), uma relação estável entre os pais e um nível socioeconómico mais elevado contribuíram para níveis mais elevados de aptidões sociais nas crianças. O suporte e afeto expressos pelos pais, tal como a conexão da criança com os outros, contribuem também para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais e empatia (Svetlova et al., 2010).

Braga e colaboradores (2016), num estudo realizado com crianças entre os 6 e os 11 anos, verificaram que as competências socioemocionais das crianças contribuem para a prevenção de problemas de comportamento e para a melhoria do comportamento pró-social. Numa meta-análise desenvolvida por Memmott-Elison e colaboradores (2020), sobre a relação entre os comportamentos pró-sociais, comportamentos de externalização e sintomas de internalização, desde crianças (1-9 anos) até à pós-adolescência (19-25 anos), verificou-se que níveis mais elevados de comportamentos pró-sociais na pré-adolescência se encontram associados a menores níveis de comportamentos de externalização, como a agressão, e a menos sintomas de internalização, como a depressão.

Tendo em conta os problemas emocionais e de comportamento da criança, os pais podem demonstrar uma postura mais controladora e inconsistente (Dwairy et al.,

2010). De acordo com um estudo de Stormshak e colaboradores (2000), realizado com pais de crianças em idade pré-escolar, filhos com problemas de comportamento acabam por ser, para os pais, mais difíceis de lidar, o que vai contribuir para que os pais tenham tendência a utilizar estratégias disciplinares mais punitivas, pobres em afetos e envolvimento parental, especialmente em crianças agressivas. Por outro lado, esta postura controladora por parte dos pais pode também ser um preditor de problemas de internalização na criança (Hosokawa & Katsura, 2021), o que demonstra que o sentido de competência parental e os problemas de comportamento das crianças parecem influenciar-se mutuamente.

Neste sentido, num dos primeiros estudos a relacionar o sentido de competência parental e os problemas de comportamento das crianças, Johnston e Mash (1989) demonstraram que pais que relataram mais problemas de comportamento nos filhos apresentaram também níveis mais baixos de autoestima na parentalidade, especialmente no que toca à sua satisfação face a mesma. Estes resultados parecem sugerir que a dimensão afetiva da autoestima parental é particularmente sensível aos efeitos do comportamento infantil desviante. Mais recentemente, Moura e colaboradores (2020) demonstraram que o sentido de competência parental se relaciona com o comportamento de crianças com idades entre os 3 e os 7 anos, sendo que quanto mais elevado foi o sentido de competência parental percecionado pelos pais, menores foram as dificuldades comportamentais das crianças. Os resultados deste estudo vão ao encontro do estudo de Gordo e colaboradores (2020), realizado com crianças entre os 2 e os 36 meses, que refere que a competência parental está positiva e moderadamente associada ao ajustamento socioemocional das crianças, demonstrando que a competência parental tem um efeito positivo no ajustamento socioemocional.

Tendo em conta a perceção de pais de crianças em idade pré-escolar, este estudo pretende 1) analisar a associação entre o sentido de competência parental e a perceção de problemas de comportamento e comportamento pró-social das crianças; 2) verificar a existência de diferenças no sentido de competência parental e perceção de comportamento da criança atendendo a variáveis sociodemográficas e familiares (i.e., sexo, idade da criança, existência de irmãos e escolaridade materna).

Método

Participantes

Como consta na Tabela 1, o estudo envolveu 156 pais de crianças entre os 3 e os 6 anos (M = 3,88; DP = 0,83), sendo que 50,6% das crianças eram do sexo masculino. Todas as crianças se encontravam a frequentar uma instituição de ensino pré-escolar e o seu agregado familiar era, maioritariamente, constituído pela criança, a residir com os pais e irmãos (49,4%) ou com os pais (33,8%). A maioria (62,8%) das crianças tinha irmãos.

Tabela 1 - Caracterização das Crianças

	N	%
Sexo das crianças		
Masculino	79	50,6
Feminino	77	49,4
Idades das crianças		
3 anos	63	40,4
4 anos	49	31,4
5 anos	43	27,6
6 anos	1	0,6
Existência de irmãos		
Sim	98	62,8
Não	58	37,2
Agregado familiar		
Mãe e pai	52	33,8
Mãe, pai e irmãos	76	49,4
Mãe e irmãos	7	4,5
Pai e irmãos	2	1,3
Mãe/pai e parceiro	2	1,3
Mãe/pai, parceiro e irmãos	1	0,6
Outro	14	9,1

A maioria dos protolocos foi preenchida pelas mães (90,4%), sendo que os restantes foram preenchidos pelos pais (9,0%) ou por outros (0,6%). As mães das crianças tinham idades compreendidas entre os 24 e os 51 anos (M = 36,30; DP = 5,15) e os pais entre os 25 e os 54 anos (M = 38,48; DP = 5,77). Tal como se observa na Tabela 2, no que diz respeito ao estado civil, a maioria das mães encontrava-se casada ou em união de facto (77,9%), tal como a maioria dos pais (79,5%). Quanto ao nível de escolaridade, grande parte das mães frequentou o ensino secundário (47,1%), tal como grande parte dos pais (46,6%). Relativamente à situação profissional, tanto a maioria

das mães (90,2%), como dos pais (93,4%), se encontrava profissionalmente ativa, sendo que a maioria dos participantes considera o nível socioeconómico do seu agregado familiar como médio (54,8%).

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da família

	N	%
Estado Civil da mãe		
Solteira	22	14,3
Casada/união de facto	120	77,9
Divorciada/separada	11	7,1
Viúva	1	0,6
Estado Civil do pai		
Solteiro	24	15,9
Casado/união de facto	120	79,5
Divorciado/separado	7	4,6
Escolaridade da mãe		
Até ao 9º ano	14	9,2
Do 10º ao 12º ano	72	47,1
Ensino superior	67	43,8
Escolaridade do pai		
Até ao 9º ano	41	27,7
Do 10º ao 12º ano	69	46,6
Ensino superior	38	25,7
Situação profissional da mãe		
Profissionalmente ativa	138	90,2
Estudante	1	0,7
Dona de casa	5	3,3
Procura de trabalho	6	3,9
Outra situação	3	2,0
Situação profissional do pai		
Profissionalmente ativo	141	93,4
Estudante	2	1,3
Procura de trabalho	6	4,0
Outra situação	2	1,3
Nível socioeconómico		
Baixo	7	4,5
Médio/baixo	53	34,2
Médio	85	54,8
Médio/alto	8	5,2
Alto	2	1,3

Procedimentos

Este estudo está inserido no âmbito do projeto "Preditores Psicossociais de Ajustamento Infantil e Familiar", liderado por uma equipa de investigadoras da Universidade da Beira Interior, em parceria com a Universidade dos Açores, e aprovado pela Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior (CE-UBI-Pj-2021-053:ID1059).

Os critérios de inclusão para a participação neste estudo foram: ser pai/mãe de uma criança entre os 3 e os 6 anos (idade pré-escolar), saber ler e escrever, e ter lido e assinado o documento de consentimento informado. A participação no estudo apresentava um caráter voluntário, sendo que os participantes poderiam desistir do estudo a qualquer momento, e anónimo, garantindo a confidencialidade da informação recolhida. A recolha dos dados iniciou-se em novembro de 2021 e terminou em janeiro de 2022.

A maioria dos dados foi recolhida em jardins de infância privados, em diferentes zonas do país, embora alguns protocolos tenham sido recolhidos através de contactos informais das investigadoras. No que diz respeito às instituições escolares, foi apresentado um pedido de autorização formal aos Concelhos Executivos e Diretores dos Jardins de Infância, explicando os objetivos do estudo e o modo como se iria proceder à recolha da amostra. Posteriormente, os protocolos foram entregues às educadoras de infância que ficaram responsáveis pela sua distribuição aos pais e respetiva recolha. Os pais receberam um envelope com o documento de apresentação do estudo, o consentimento informado e os questionários a preencher, com a instrução de os devolverem às educadoras no envelope fechado (de forma a assegurar a confidencialidade das suas respostas). Relativamente aos contactos pessoais das investigadoras, estes protocolos foram entregues em mão aos pais, após uma explicação do estudo. Seguindo o mesmo procedimento referido anteriormente, os protocolos foram sempre devolvidos em envelopes selados, de forma a salvaguardar a confidencialidade das respostas dos participantes.

No total foram distribuídos 338 protocolos, tendo sido devolvidos 186, o que equivale a uma taxa de devolução de 55,03%. Dos 186 protocolos recebidos, 30 foram excluídos por não preencherem os critérios de inclusão (5,91%), por terem sido devolvidos em branco (6,45%) ou por apresentarem uma elevada taxa de *missings* (3,76%), o que se traduziu numa amostra final de 156 protocolos válidos.

Material

Questionário Sociodemográfico e de informação familiar

No âmbito do presente projeto foi construído um questionário sociodemográfico, que pretendia recolher informação sobre as crianças (e.g., o sexo, idade, irmãos, com quem reside) e participantes (e.g. sexo, idade, estado civil, situação profissional), entre outras informações.

Escala do Sentido de Competência Parental

A *Parenting Sense of Competence Scale* (PSOC; Johnston & Mash, 1989) é um instrumento de autorresposta, que pretende avaliar o sentido de competência parental em pais de crianças entre os 4 e os 9 anos. Esta escala foi adaptada e validada para a população portuguesa por Seabra-Santos e colaboradores (2015), que desenvolveram estudos psicométricos que sustentaram a utilização desta escala com pais de crianças em idade pré-escolar (3 e os 6 anos). Tal como na versão original, a versão portuguesa era, inicialmente, composta por 17 itens e, após realização de estudos de análise fatorial, foi eliminado um item, verificando-se a pertinência de uma solução de dois fatores, correspondentes aos mesmos fatores utilizados na escala original. Deste modo, a escala é, atualmente, constituída por 16 itens, repartidos por dois fatores: Satisfação (9 itens) e Eficácia (7 itens). Os itens são cotados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, de "*Concordo Plenamente*" a "*Discordo Plenamente*", correspondendo valores mais elevados a um maior sentido de competência parental.

Os estudos de consistência interna realizados com a versão portuguesa apontaram para um coeficiente Alfa de Cronbach de 0,76 para a escala total, de 0,75 para a subescala da Satisfação e de 0,72 para a subescala da Eficácia. No presente estudo, os valores obtidos para o coeficiente Alfa de Cronbach foram de 0,81 para a escala total, 0,75 para a subescala da Satisfação e 0,66 para a subescala Eficácia.

Questionário das Forças e Dificuldades da Criança

O *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ; Goodman, 1997) é um questionário de avaliação de problemas de comportamento, em crianças e adolescentes entre os 2 e os 17 anos. Este questionário existe em três versões, uma de autorresposta, que deve ser preenchida por crianças/adolescentes com mais de 11 anos, e duas versões de heterorresposta, uma para pais e/ou professores de crianças entre os 2-4 anos e outra versão para crianças e adolescentes dos 4 aos 17 anos, também preenchida por pais e/ou professores. No presente estudo foi utilizada a versão portuguesa de

heterorresposta preenchida pelos pais (SDQ-Por; tradução portuguesa de Fleitlich et al., 2004). O SDQ-Por é composto por 25 itens cotados numa escala tipo Likert de três pontos, de 0 "*Não é verdade*" a 2 "*É muito verdade*", distribuídos em cinco subescalas (cada uma com cinco itens): Hiperatividade-Défice de Atenção, Sintomas Emocionais, Problemas de Comportamento, Problemas de Relacionamento com os Colegas e Comportamento Pró-Social. Pode ainda ser calculado um resultado total para o Total de Dificuldades composto pelo somatório de todas as subescalas, excluindo a subescala de Comportamento Pró-Social.

Segundo Goodman (2001), os estudos de consistência interna da versão original apontaram para um coeficiente Alfa de Cronbach de 0,82 para o Total de Dificuldades, 0,67 para os Sintomas Emocionais, 0,63 para os Problemas de Comportamento, 0,77 para a Hiperatividade-Défice de Atenção, 0,57 para Problemas de Relacionamento com os Colegas e 0,65 para o Comportamento Pró-Social. No presente estudo, os valores obtidos para o coeficiente Alfa de Cronbach foram de 0,77 para o Total de Dificuldades, 0,52 para os Sintomas Emocionais, 0,63 para os Problemas de Comportamento, 0,73 para a Hiperatividade-Défice de Atenção, 0,41 para Problemas de Relacionamento com os Colegas e 0,59 para o Comportamento Pró-Social.

Análise de Dados

Os dados foram analisados com recurso à versão 28.0 do *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics®). Uma vez que existia apenas uma criança com 6 anos, esta foi incluída na categoria dos 5 anos nos procedimentos estatísticos. Atendendo a que grande parte dos participantes eram mães (n = 141), apenas foi explorada a relação entre o nível de escolaridade materna e a sua perceção de sentido de competência parental. A caracterização da amostra foi efetuada com recurso a estatísticas descritivas (i.e., médias, desvios-padrão, percentagens) e frequências. Posteriormente, procedeu-se ao cálculo da consistência interna dos itens que compõem cada escala através do coeficiente alfa de Cronbach.

A existência de diferenças estatisticamente significativas nos resultados do sentido de competência parental (PSOC), problemas de comportamento e comportamentos pró-sociais (SDQ-Por) atendendo a diversas variáveis (sexo da criança, existência de irmãos e escolaridade materna) foi analisada com recurso ao teste *t-Student* para amostras independentes. Já a exploração de existência de diferenças estatisticamente significativas nos resultados do sentido de competência parental (PSOC), problemas de comportamento e comportamentos pró-sociais (SDQ-Por) atendendo à idade da criança foi analisada com recurso à ANOVA *One-Way*. O grau de associação entre os

problemas de comportamento e os comportamentos pró-sociais das crianças (SDQ-Por) e o sentido de competência parental dos pais (PSOC) foi analisado através do coeficiente de correlação de Pearson.

Resultados

Relação entre Sentido de Competência Parental, Problemas de Comportamento e Comportamento Pró-Social

Como se observa na Tabela 3, as correlações entre as duas subescalas de sentido de competência parental (Satisfação e Eficácia), assim como o resultado total da PSOC, e as subescalas do SDQ-Por referentes a dificuldades comportamentais são estatisticamente significativas, negativas e de intensidade fraca a moderada (r = -0,168 a -0,474). Foram encontradas correlações estatisticamente significativas e positivas, de intensidade fraca, entre a Eficácia, a Satisfação e o resultado total da PSOC com a subescala de Comportamentos Pró-Sociais do SDQ-Por (r = 0,202 a 0,295). Para o Total de Dificuldades foram encontradas correlações estatisticamente significativas e negativas e de intensidade moderada com a Eficácia, a Satisfação e o resultado total da PSOC (r = -0,309 a -0,510).

Tabela 3 - Correlações entre os resultados da PSOC e do SDQ-Por

	SE	PC	HDA	PRC	CPS	TD
Satisfação	-0,300**	-0,474**	-0,337**	-0,291**	0,295**	-0,510**
Eficácia	-0,176*	-0,292**	-0,209**	-0,168*	0,202*	-0,309**
Total PSOC	-0,278**	-0,446**	-0,318**	-0,269**	0,289**	-0,477**

Nota: SE = Sintomas Emocionais; PC = Problemas de Comportamento; HDA = Hiperatividade/Défice de Atenção; PRC = Problemas de Relacionamento com os Colegas; CPS = Comportamento Pró-Social; TD = Total das Dificuldades

*p < 0,05; **p < 0,01

Diferenças entre grupos

Como é possível verificar na Tabela 4, não se identificou qualquer diferença estatisticamente significativa nos resultados da Satisfação e Eficácia da PSOC atendendo ao sexo da criança. No que concerne à idade das crianças e à existência de irmãos, também não se identificou nenhuma diferença estatisticamente significativa nos resultados das subescalas de Satisfação e de Eficácia da PSOC.

No que diz respeito à variável escolaridade materna, verificou-se que as mães que completaram até ao 12º ano de escolaridade apresentam níveis superiores de Satisfação com o seu sentido de competência parental (M = 34,31; DP = 5,46) comparativamente a mães que completaram o ensino superior (M =32,33; DP = 5,34), $t(139) = 2,170$, p = 0,032, d = 0,367. Já na subescala da Eficácia não se identificaram diferenças estatisticamente significativas relativamente à escolaridade materna.

Tabela 4 - Resultados para a comparação das médias: Sexo, idade da criança, ter irmãos e escolaridade materna nos resultados da PSOC

PSOC		*n* (156)	*M*(*DP*)	*t/F*	*p*
	Sexo da criança				
Satisfação	Feminino	77	33,94(5,18)	-0,610	0,543
	Masculino	79	33,41(5,65)		
Eficácia	Feminino	77	27,97 (3,47)	-0,768	0,542
	Masculino	79	27,54 (3,52)		
	Idade da criança				
Satisfação	3 anos	63	32,81 (5,07)	1,330	0,268
	4 anos	49	34,24 (5,35)		
	5 anos[a]	44	34,25 (5,91)		
Eficácia	3 anos	63	27,32 (3,40)	1,154	0,318
	4 anos	49	28,33 (3,23)		
	5 anos[a]	44	27,75 (3,87)		
	Ter irmãos				
Satisfação	Sim	*98*	33,80 (5,70)	0,379	0,700
	Não	*58*	33,45 (4,95)		
Eficácia	Sim	*98*	27,59 (3,74)	0,111	0,446
	Não	*58*	28,03 (3,04)		
	Escolaridade materna[b]				
Satisfação	Até ao 12º ano	77	34,31 (5,46)	2,170	0,032*
	Ensino Superior	64	32,33 (5,34)		
Eficácia	Até ao 12º ano	77	28,23 (3,57)	1,939	0,055
	Ensino Superior	64	27,06 (3,58)		

Nota: [a] A criança de 6 anos encontra-se agrupada com as crianças de 5 anos; [b]n = 141

*$p < 0,05$

Como é possível observar na Tabela 5, no que diz respeito ao sexo da criança, verificou-se que, na perspetiva dos pais, as crianças do sexo feminino apresentam pontuações superiores na subescala Comportamento Pró-Social (M = 8,60; DP = 1,42) quando comparadas com as crianças do sexo masculino (M = 8,01; DP = 1,63), $t(154)$ = -2.390, p = 0,018, d = -0,383. Já nos restantes resultados do SDQ-Por, não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas considerando a variável sexo da criança. Não se identificou qualquer diferença estatisticamente significativa em nenhuma das subescalas ou resultado Total do SDQ-Por atendendo às variáveis idade da criança e escolaridade materna.

Verificou-se que crianças com irmãos apresentam níveis mais elevados de Comportamentos Pró-Sociais (M = 8,49; DP = 1,47) comparativamente a crianças sem irmãos (M = 7,98; DP = 1,65), $t(154)$ = -1,992, p =0,048, d = -0,330. O facto de a criança ter ou não irmãos não levou a que fossem identificadas diferenças estatisticamente significativas nos restantes resultados do SDQ-Por.

Tabela 5 - Resultados para a comparação das médias: Sexo, idade da criança, ter irmãos e escolaridade materna nos resultados do SDQ-Por

SDQ-Por		*n* (156)	*M* (*DP*)	*t/F*	*p*
	Sexo da criança				
Sintomas Emocionais	Feminino	77	2,14 (1,79)	0,083	0,934
	Masculino	79	2,16 (1,45)		
Problemas de Comportamento	Feminino	77	2,62 (1,83)	1,74	0,084
	Masculino	79	3,15 (1,97)		
Hiperatividade/défice de atenção	Feminino	77	4,25 (2,58)	1,94	0,055
	Masculino	79	5,00 (2,28)		
Problemas de Relacionamento com colegas	Feminino	77	1,32 (1,29)	0,243	0,809
	Masculino	79	1,38 (1,53)		
Comportamento Pró-Social	Feminino	77	8.60 (1.42)	-2,390	0,018*
	Masculino	79	8,01 (1,63)		
Total de Dificuldades	Feminino	77	10,34 (5,33)	1,653	0,100
	Masculino	79	11,70 (4,93)		
	Idade da criança				
Sintomas Emocionais	3 anos	63	1,95 (1,58)	0,842	0,433
	4 anos	49	2,33 (1,42)		
	5 anos [a]	44	2,25 (1,87)		
Problemas de Comportamento	3 anos	63	3,21 (1,94)	1,814	0,167
	4 anos	49	2,84 (1,86)		
	5 anos [a]	44	2,50 (1,89)		
Hiperatividade/défice de atenção	3 anos	63	5,00 (1,90)	2,218	0,112
	4 anos	49	4,04 (2,69)		
	5 anos [a]	44	4,75 (2,79)		

Tabela 5 - (Continuação)

SDQ-Por		*n* (156)	*M* (*DP*)	*t/F*	*p*
Problemas de Relacionamento com colegas	3 anos	63	1,52 (1,35)	0,795	0,453
	4 anos	49	1,27 (1,50)		
	5 anos [a]	44	4,75 (2,79)		
Comportamento Pró-Social	3 anos	63	8,11 (1,61)	2.133	0,122
	4 anos	49	8,18 (1,59)		
	5 anos [a]	44	8,70 (1,37)		
Total de Dificuldades	3 anos	63	11,68 (4,80)	0,879	0,417
	4 anos	49	10,47 (5,27)		
	5 anos [a]	44	10,70 (5,54)		
	Ter irmãos				
Sintomas Emocionais	Sim	98	2,23 (1,75)	-0,810	0,419
	Não	58	2,02 (1,38)		
Problemas de Comportamento	Sim	98	3,01 (2,07)	-1,012	0,313
	Não	58	2,69 (1,61)		
Hiperatividade/défice de atenção	Sim	98	4,56 (2,41)	0,442	0,659
	Não	58	4,74 (2,55)		
Problemas de Relacionamento com colegas	Sim	98	1,29 (1,32)	0,767	0,444
	Não	58	1,47 (1,57)		
Comportamento Pró-Social	Sim	98	8,49 (1,47)	-1,992	0,048*
	Não	58	7,98 (1,65)		
Total de Dificuldades	Sim	98	11,09 (5,49)	-0,208	0,836
	Não	58	10,91 (4,61)		
	Escolaridade Materna [b]				
Sintomas Emocionais	Até ao 12º ano	77	2,16 (1,56)	-0,169	0,866
	Ensino Superior	64	2,20 (1,77)		
Problemas de Comportamento	Até ao 12º ano	77	2,90 (2,03)	-.365	0,715
	Ensino Superior	64	3,02 (1,81)		
Hiperatividade/défice de atenção	Até ao 12º ano	77	4,75 (2,48)	.492	0,624
	Ensino Superior	64	4,55 (2,48)		
Problemas de Relacionamento com colegas	Até ao 12º ano	77	1,38 (1,49)	0,135	0,893
	Ensino Superior	64	1,34 (1,37)		
Comportamento Pró-Social	Até ao 12º ano	77	8,44 (1,58)	0,785	0,434
	Ensino Superior	64	8,23 (1,54)		
Total de Dificuldades	Até ao 12º ano	77	11,18 (5,33)	0,081	0,935
	Ensino Superior	64	11,11 (5,20)		

Nota: [a] A criança de 6 anos encontra-se agrupada com as crianças de 5 anos; [b] $n = 141$

*$p < 0,05$

Discussão

O sentido de competência parental e os problemas de comportamento infantil parecem influenciar-se mutuamente (Moura et al., 2020). A literatura sugere que crianças com pais com um elevado sentido de competência parental têm menor risco de desenvolver problemas de saúde mental, o que faz com que o alto nível de competência parental represente um fator de proteção no desenvolvimento de problemas mentais nas crianças (Wlodarczyk et al., 2017). O presente estudo pretendeu analisar a associação entre sentido de competência parental, problemas de comportamento e comportamento pró-social da criança, e verificar a existência de diferenças nestas variáveis, atendendo a caraterísticas sociodemográficas e familiares.

Com o foco na idade pré-escolar, foi estudada uma amostra constituída por pais de crianças entre os 3 e os 6 anos de idade. Os protocolos foram maioritariamente preenchidos pelas mães (90,4%), sendo esta uma realidade comum na investigação em contexto infantil, já que as mães têm tendência a demonstrar maior disponibilidade e cooperação no envolvimento com o ambiente escolar, em comparação com os pais (Aytac et al., 2019).

O primeiro objetivo do presente estudo consistia em analisar a relação entre o sentido de competência parental (Satisfação, Eficácia e o Total da PSOC) e a perceção de dificuldades comportamentais nas crianças e os seus comportamentos pró-sociais. De acordo com os resultados foi possível verificar que, tanto as subescalas da PSOC – Satisfação e Eficácia – como o Total da PSOC, estão correlacionadas negativamente com todas as subescalas do SDQ-Por referentes a dificuldades comportamentais e com o Total das Dificuldades, indicando que quanto mais dificuldades comportamentais são apresentadas pelas crianças, menor sentido de competência parental sentem os pais e vice-versa. Estes resultados vão ao encontro de Moura e colaboradores (2020), que realizaram um estudo com pais de crianças entre os 3 e os 7 anos, em que, igualmente através da utilização da PSOC e das quatro subescalas de dificuldades do SDQ, concluíram que quanto maior o sentido de competência parental, menores as dificuldades comportamentais das crianças. Por seu lado, o estudo de Stormshak e colaboradores (2000) veio sugerir que os problemas de comportamento nas crianças vão influenciar os pais a desenvolverem práticas parentais mais punitivas o que, consequentemente, vai diminuir o seu sentido de competência parental. No nosso estudo, foi também possível verificar que quanto mais Comportamentos Pró-Sociais os pais percecionam nas crianças, maior o seu sentido de competência parental (Satisfação, Eficácia e Total da PSOC), o que vai ao encontro de um estudo de Miklósi e colaboradores (2017) que, através da utilização da PSOC e do SDQ, sugerem também

uma associação positiva entre o sentido de competência parental e os Comportamentos Pró-Sociais de crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 2 e os 19 anos de idade.

O segundo objetivo do estudo pretendia verificar a existência de diferenças entre a Satisfação, a Eficácia, as dificuldades comportamentais das crianças (Sintomas Emocionais, Problemas de Comportamento, Hiperatividade/Défice de Atenção, Problemas de Relacionamento com Colegas e Total de Dificuldades) e os Comportamentos Pró-Sociais das mesmas, em função de diversas variáveis sociodemográficas e familiares. Relativamente ao sexo da criança, no que diz respeito ao sentido de competência parental, os nossos resultados estão de acordo com outros estudos que apontam a ausência de diferenças ao nível da Satisfação entre pais de meninos e de meninas (Seabra-Santos et al., 2015). No entanto, no estudo de validação da versão portuguesa da PSOC (Seabra-Santos et al., 2015), os pais de meninas sentiam-se mais eficazes na sua competência parental, comparativamente a pais de meninos, o que contrasta com os resultados obtidos no presente estudo para a escala de Eficácia em que a diferença obtida não alcança o limiar de significância estatística.

Relativamente à subescala da Hiperatividade/Défice de Atenção, apesar de não se evidenciarem diferenças estatisticamente significativas, os valores encontram-se no limiar de significância estatística, com os meninos a demonstrarem mais comportamentos hiperativos e/ou défice de atenção. Ainda assim, estes resultados merecem o devido destaque, uma vez que vão ao encontro do estudo de Costa e colaboradores (2020), cujos resultados referem que os meninos têm uma maior tendência a ter mais comportamentos de externalização, entre os quais comportamentos de hiperatividade, do que as meninas.

Já na subescala do Comportamento Pró-Social, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas, com as meninas a apresentarem mais comportamentos pró-sociais do que os meninos. Estes resultados são concordantes com um estudo de Hosokawa e Katsura (2021), que sugere que as crianças do sexo feminino tendem a ter mais comportamentos pró-sociais do que as do sexo masculino. Segundo Baillargeon e colaboradores (2011), estas diferenças podem surgir, uma vez que, entre os 29 e os 41 meses, as meninas tendem a aumentar os seus comportamentos pró-sociais, enquanto os meninos tendem a diminuir esses mesmos comportamentos, o que vai contribuir ainda mais para esta discrepância entre sexos. Estas diferenças podem acontecer devido a fatores sociais, uma vez que a sociedade espera que as mulheres sejam mais empáticas e pró-sociais e que os homens sejam mais independentes (Eisenberg, 2015).

No que diz respeito à variável da idade das crianças, esta não permitiu identificar diferenças nos resultados quer da competência parental, quer das dificuldades

comportamentais e comportamentos pró-sociais das crianças. Quanto aos resultados obtidos na PSOC, estes vão ao encontro dos resultados de Seabra-Santos e colaboradores (2015), onde também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nem na Satisfação, nem na Eficácia, atendendo à idade das crianças.

Na variável referente à existência de irmãos, não se identificaram diferenças estatisticamente significativas nos resultados da competência parental, o que parece demonstrar que a existência de irmãos não influencia a satisfação e a eficácia dos pais com a sua competência parental.

Relativamente ao Comportamento Pró-Social, verificou-se que crianças com irmãos tendem a ser avaliadas com mais Comportamentos Pró-Sociais por parte dos pais, comparativamente a crianças sem irmãos. Esta diferença pode ficar a dever-se ao facto de os irmãos, tendencialmente, passarem uma quantidade de tempo considerável juntos, sendo que um relacionamento saudável entre si tende a fornecer um ambiente propenso ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, uma vez que os irmãos tendem a aprender sobre as necessidades do outro e a ser mais empáticos (Eisenberg, 2015).

Os resultados do presente estudo vieram sugerir que mães que tenham até ao 12º ano apresentam maior satisfação ao nível da sua competência parental do que mães com o ensino superior. No âmbito destes resultados, não foram identificados na literatura testes de diferenças que enquadrassem estas duas variáveis.

No que diz respeito aos resultados referentes à Eficácia, embora não significativos, os resultados do teste de diferenças encontram-se no limiar da significância estatística, revelando-se a Eficácia superior em mães que tenham até ao 12º ano, o que aponta para uma possível aproximação ao referido na literatura, nomeadamente num estudo de Ferreira e colaboradores (2014), que refere que mães com maiores habilitações literárias percecionam-se como menos eficazes no desempenho da parentalidade. Relativamente às dificuldades comportamentais e comportamentos pró-sociais das crianças, não foram encontradas diferenças nos resultados, atendendo às habilitações literárias das mães.

O presente estudo possui algumas limitações que são importantes considerar. Primeiramente, algumas características da amostra, como o seu tamanho, ser composta maioritariamente por mães ou o facto de os questionários terem sido, em grande parte, recolhidos em Jardins de Infância privados, acabam por limitar a representatividade dos resultados. Assim, em futuros estudos, será importante aumentar a dimensão da amostra e a participação da figura paterna. Outra limitação prende-se com o facto da maioria dos participantes pertencer a famílias nucleares intactas, o que poderá não ser representativo de outras realidades, como as famílias monoparentais ou famílias

reconstituídas. Deste modo, seria interessante que estudos futuros se focassem e comparassem diversas tipologias de famílias. Por fim, é importante referir que algumas subescalas do SDQ-Por apresentaram valores de consistência interna classificados de inadmissível a fracos (Pestana & Gageiro, 2014), o que deve ser tido em conta na leitura dos respetivos resultados. No entanto, é importante referir que também no estudo original de validação do SDQ (Goodman, 2001), são reportados valores de consistência interna para os Sintomas Emocionais, Problemas de Comportamento, Problemas de Relacionamento com os Colegas e Comportamento Pró-Social igualmente fracos. O estudo de Costa e colaboradores (2020), realizado com pais portugueses, cujos filhos tinham entre 6 e 18 anos, apresenta valores baixos de consistência interna para várias subescalas do SDQ. Considerando que o coeficiente de consistência interna é influenciado pelo número de itens, o facto de cada subescala do SDQ ser apenas composta por cinco itens poderá contribuir, de alguma forma, para valores mais baixos obtidos no coeficiente alfa de Cronbach. Neste sentido, seria importante prosseguir com os estudos de análise fatorial do SDQ-Por.

Contudo, apesar das limitações descritas, este estudo contribui para o conhecimento, no contexto português, do sentido de competência parental, dos problemas comportamentais e do comportamento pró-social em idade pré-escolar e da relação entre estas variáveis, com implicações a nível da prática clínica. Os resultados do presente estudo permitem perceber que é fundamental trabalhar, desde cedo, com os pais para que estes adquiram ferramentas para lidarem melhor com os seus filhos, o que se espera que vá contribuir para um aumento do sentido de competência parental e uma diminuição das dificuldades comportamentais e socioemocionais das crianças. Neste sentido, podia ser viável criar incentivos para a participação das famílias em programas de intervenção parental, tais como o *Preschool Basic Parenting Program* da série *Incredible Years,* que pretende fortalecer as relações entre pais e filhos, o recurso a estratégias disciplinares mais positivas e ajudar os pais a promoverem o desenvolvimento social e emocional das crianças (Webster-Stratton et al., 2004).

Referências Bibliográficas

Aytac, P., Demirbas-Celik, N., & Kiracioglu, D. (2019). Effectiveness of family involvement activities in pre-school education. *Global Journal of Guidance and Counseling in Schools: Current Perspectives*, *9*(3), 131-137. https://doi.org/10.18844/gjgc.v9i3.4489

Baillargeon, R. H., Morisset, A., Keenan, K., Normand, C. L., Jeyaganth, S., Boivin, M., & Tremblay, R. E. (2011). The development of prosocial behaviors in young children: a prospective population-based cohort study. T*he Journal of Genetic Psychology, 172*(3), 221-251. https://doi.org/10.1080/00221325.2010.533719

Balean, R. D., & Năstasă, L. E. (2017). The relationship between parental style, parental competence and emotional intelligence. *Bulletin of the Transylvania University of Brasov, 10*(2), 181-190.

Basten, M., Tiemeier, H., Althoff, R., Schoot, R., Jaddoe, V. W. V., Hofman, A., Hudziak, J. J., Verhulst, F. C., & Ende, J. (2016). The stability of problem behavior across the preschool years: An empirical approach in the general population. *Journal of Abnormal Child Psychology, 44*, 393-404. https://doi.org/10.1007/s10802-015-9993-y

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2018). Predictors of social skills and behavioral problems in children. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *70*(1), 86-97.

Bornstein, M. H., Hendricks, C., Hahn, C, Haynes, O. M., Painter, K. M., & Tamis-LeMonda, C. S. (2009). Contributors to self-perceived competence, satisfaction, investment, and role balance in maternal parenting: A multivariate ecological analysis. *Parenting: Science and Practice*, *3*(4), 285-326. https://doi.org/10.1207/s15327922par0304_2

Braga, M., Pereira, D., & Simões, C. (2016). Aprendizagem socioemocional: a intervenção psicomotora em meio escolar para redução de problemas de comportamento e melhoria das competências académicas. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 7*(1-2), 377-396.

Campbell, S. B. (1998). Behavior problems in preschool children. In T. H. Ollendick, & R. J. Prinz (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 1-26). https://doi.org/10.1007/978-1-4757-9035-1_1

Costa, P. A., Tasker, F., Ramos, C., & Leal, I. (2020). Psychometric properties of the parent's versions of the SDQ and the PANAS-X in a community sample of

Portuguese parents. *Clinical Child Psychology and Psychiatry, 25*(2), 520-532. https://doi.org/10.1177/1359104519891759

Dwairy, M., Achoui, M., Filus, A., Rezvan nia, P., Casullo, M. M., & Vohra, N. (2010). Parenting, mental health and culture: A fifth cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child and Family Studies, 19*, 36-41. https://doi.org/10.1007/s10826-009-9340-4

Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Knafo-Noam, A. (2015). Prosocial developmental. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of child psychology and developmental science* (7th ed., pp. 115-129). John Wiley & Sons, Inc.. https://doi.org/10.1002/9781118963418.childpsy315

Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2014). Percepção de competência parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica, 2*(32), 145-156. https://doi.org/10.14417/ap.854

Goodman, R. (1997). The strengths and difficulties questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 38*(5), 581-586. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x

Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the strengths and difficulties questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *40*(11), 1337-1345. https://doi.org/10.1097/00004583-200111000-00015

Gordo, L., Martínez-Palpliega, A., Elejalde, L. I., & Luyten, P. (2020). Do parental reflective functioning and parental competence affect the socioemotional adjustment of children? *Journal of Child and Family Studies, 29*, 3621-3631. https://doi.org/10.1007/s10826-020-01840-z

Halle, T. G., & Darling-Churchill, K. E. (2016). Review of measures of social and emotional development. *Journal of Applied Developmental Psychology, 45*, 8-18. http://dx.doi.org/10.1016/j.appdev.2016.02.003

Hosokawa, R., & Katsura, T. (2021). Maternal work–life balance and children's social adjustment: The mediating role of perceived stress and parenting practices. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 18*(13), 1-14. https://doi.org/10.3390/ijerph18136924

Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology, 18*(2), 167-175. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1802_8

Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: a review. *Clinical Psychology Review, 25*(3), 341-363. https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004

Makhija, N. J., Ohye, B. Y., Zakarian, R. J., Jakubovic, R. J., & Bui, E. (2019). Parenting sense of competence to family functioning in a sample of military-connected families living in the community. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 27*(4), 404-408. https://doi.org/10.1177/1066480719868700

Memmott-Elison, M. K., Holmgren, H. G., Padilla-Walker, L. M. & Hawkins, A. J. (2020). Associations between prosocial behavior, externalizing behaviors, and internalizing symptoms during adolescence: A meta-analysis. *Journal of Adolescence, 80*, 98-114. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.01.012

Miklósi, M., Szabó, M., & Simon, L. (2017). The role of mindfulness in the relationship between perceived parenting, early maladaptive schemata and parental sense of competence. *Mindfulness, 8*, 471-480. https://doi.org/10.1007/s12671-016-0619-4

Moura, D. P.F., Sousa, E. M. P., Santos, W. S., & Sousa, S. L. H. (2020). Escala de senso de competência parental (PSOC): evidências de validade e precisão em contexto brasileiro. *Revista de Psicologia, 11*(2), 94-109. https://doi.org/10.36517/10.36517/revpsiufc.11.2.2020.7

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS* (6ª ed. revista, atualizada e aumentada). Edições Sílabo.

Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M. F., Antunes, N., & Roque, V. (2015). Escala de sentido de competência parental (PSOC): Estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica, 14*(1), 97-106. https://doi.org/10.15689/ap.2015.1401.11

Sharp, C., Fonagy, P., & Goodyer, I. M. (2006). Imagining your child's mind: psychosocial adjustment and mothers' ability to predict their children's attributional response styles. *British Journal of Developmental Psychology, 24*, 197-214. https://doi.org/10.1348/026151005X82569

Skovgaard, A. M., Houmann, T., Christiansen, E., Landorph, S., Jorgensen, T., T., CCC 2000 Study Team, Olsen, E. M., Heering, K., Kaas-Nielsen, S., Samberg, V., & Lichtenberg, A. (2007). The prevalence of mental health problems in children

½ years of Age – The Copenhagen child cohort 2000. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 48*(1), 62-70. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2006.01659.x

Snell, W. E., Overbey, G. A., & Brewer, A. L. (2005). Parenting perfectionism and the parenting role. *Personality and Individual Differences, 39*(3), 613-624. https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.02.006

Stormshak, E. A., Bierman, K. L., McMahon, R. J., & Lengua, L. J. (2000). Parenting practices and child disruptive behavior problems in early elementary school. *Journal of Clinical Child Psychology, 29*(1), 17-29. https://doi.org/10.1207/S15374424jccp2901_3

Svetlova, M., Nichols, S. R., & Brownell, C. A. (2010). Toddlers' prosocial behavior: from instrumental to empathic to altruistic helping. *Child Development, 81*(6), 1814-1827. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01512.x

Webster-Stratton, C., Reid, M. J., & Hammond, M. (2004). Treating children with early-onset conduct problems: Intervention outcomes for parent, child, and teacher training. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 33*(1), 105124. http://dx.doi.org/10.1207/S15374424JCCP3301_11

Wlodarczyk, O., Pawils, S., Metzner, F., Kriston, L., Klasen, F., Ravens-Sieberer, U., BELLA Study Group. (2017). Risk and protective factors for mental health problems in preschool-aged children: cross-sectional results of the BELLA preschool study. *Child and Adolescent Psychiatric and Mental Health*, *11*(12), 1-12. https://doi.org/10.1186/s13034-017-0149-4